

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta de Alagoas Class.: Xucurus-Cariri

Data: 30/11/91 Pg.: 75

Violência chega às reservas indígenas alagoanas

Arquivo/GA

□ Arnaldo Ferreira, repórter.

A onda de violência que toma conta de vários municípios alagoanos e apavora os 700 mil habitantes de Maceió, chegou também à maior reserva indígena de Alagoas. Uma onda de crimes e tentativas de homicídios vem deixando amedrontados os índios da tribo Xucurus-Cariri, localizada no município de Palmeira dos Índios que fica a 120 quilômetros desta capital.

O clima na região é de rivalidades entre famílias. Os grupos se dividiram e, apesar de não assumirem abertamente, estão travando uma luta interna, a fim de quebrar o poder político do cacique Manoel Celestino da Silva. A Polícia Federal e a Administração da Funai, em Alagoas, vem sendo convocadas pelas lideranças para acalmar os ânimos antes que ocorra um "banho de sangue" na reserva.

As hostilidades e os problemas acontecem basicamente por desentendimentos dos grupos liderados pelos índios mais antigos da tribo. O conflito é mais agudo na área que fica na Fazenda Canto, ocupando 350 hectares de terras da reserva dos

Xucurus. A situação se agravou depois que o índio Manoel Messias Lourenço, de 30 anos, foi assassinado com golpes de foice e cacete por um grupo de índios ligado à família Salustiano.

As lideranças mais antigas denunciam, também, que a onda de crimes começou a acontecer depois que a "cachaca" e a cerveja passaram a ser servidas aos índios pelos brancos. O "Wacanã" da tribo (chefe dos grupos) Manoel Celestino acusa, ainda, a invasão de muitas religiões na reserva. "Estamos perdendo os nossos espaços culturais para a Igreja Católica, o Cadonblé, a Igreja Universal, Assembléia de Deus; e o pior é que nenhuma das religiões não prega a união entre os nossos irmãos e muito menos defende a preservação dos nossos valores culturais. Por isso assistimos a descaracterização de nossa história e a desunião de nossa gente".

O próprio cacique já admite que está perdendo o controle da situação. "Queremos ajuda das autoridades para tirar da reserva as famílias envolvidas com a onda de crimes de homicídio. Sozinho não estou conseguindo levar a paz na tribo", frisou.



A unidade e a tradição dos Xucurus - Cariri, estão ameaçadas pela briga de grupos

Mãe de índio assassinado pede paz

"Meu filho foi assassinado com muita crueldade. Os agressores bateram nele com cacete e depois retalharam o seu corpo com golpes de foice. Foi uma cena horrível, presenciada por muita gente já que o crime aconteceu na área mais habitada da Fazenda Canto". Denunciou a índia Maria do Amparo da Silva, uma mulher muito doente, com 50 anos de idade, mas que ainda trabalha na lavoura de fruticultura para ajudar no sustento de seus 10 filhos.

O índio assassinado, Manoel Messias Lourenço, tinha 30 anos de idade e era um dos mais velhos de sua família. A mãe dele contou que o rapaz saiu para beber com outros índios e quando retornava ao passar pela casa dos índios da família "Salustiano" começou a ser provocado. "Ele estava muito embriagado e não reagia. Os outros índios, com raiva, o espanca-

ram até a morte".

O crime foi praticado pelos filhos de Luiz Salustiano: Manuel, Paulo, Duda, Heleno e mais duas mulheres, afirmou Maria do Amparo, que ficou revoltada porque ninguém teve coragem de impedir que seu filho fosse assassinado em plena luz do dia.

Sobre as pessoas que mataram o seu filho, ela contou que: "Essa família tem gente muito violenta. Eles são acostumados a bater em índios, a querer nos expulsar das nossas áreas e estão envolvidos em muitas tentativas de homicídios". A família "Salustiano" faz isso tudo porque tem parentes e amigos influentes dentro da Funai.

Mas, apesar das influências Maria do Amparo disse que vai lutar para ver os criminosos punidos. Ela está pedindo apoio ao Centro da Mulher Índia e ao Con-

selho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher para ver os "criminosos presos. Eu quero justiça dos brancos e quero também que todos eles saiam da nossa tribo, porque não pode haver paz com eles (os Salustianos) por perto dos índios que querem trabalhar".

A violência entre os índios Xucurus-Cariri não é um fato novo. Há 10 anos, os índios viviam em conflito por causa da disputa do poder. Depois de assumir a função de cacique, Manoel Celestino conseguiu a paz entre os grupos. Agora, conforme explicou a índia que teve o filho assassinado, o conflito voltou novamente.

"Todos os índios querem o fim da violência e desejam voltar a uma vida normal: sem medo e com mais união", garantiu a índia que quer inclusive a intervenção da Polícia Federal neste caso.

Funai aponta disputas internas

A Administração Regional da Fundação Nacional do Índio para Alagoas e Sergipe, desde que conheceu a acontecer animosidade entre os índios da aldeia Xucurus-Cariri passou a acompanhar de perto todos os problemas. O assassinato do índio Manoel Messias Lourenço está sendo acompanhado por uma advogada. O crime, no momento, está sendo interpretado pela Funai como um problema de "disputas internas entre grupos".

O administrador Fernando Maia, mesmo reconhecendo que existe um problema sério na reserva indígena de Palmeira dos Índios, afirmou que "a situação é perfeitamente contornável. O problema é de disputa de poder por pequenos grupos". Ele, entretanto, nada garantiu em forma de apoio para o cacique Manoel Ce-

lestino da Silva que quer ajuda da Polícia Federal e da Funai para retirar "os grupos violentos" da reserva indígena.

Sobre o assassinato do índio Manoel Messias Lourenço, o administrador da Funai Alagoas/Sergipe disse que, "o crime aconteceu por motivo de embriaguez. A vítima estava alcoolizada, ofendeu os seus irmãos de sangue e terminou provocando o atrito que acabou com a sua morte".

Mudanças - A fim de instaurar um clima de paz entre os grupos de Xucurus que estão em litígio, o administrador da Fundação Nacional do Índio vai convocar as lideranças da região para sentar numa mesa de negociação. "Esses grupos que disputam a hegemonia do poder terminam provocando um clima de intranquilidade entre todos".

Sobre as mudanças, Fernando Maia, disse que cumprindo um dispositivo legal por tempo de serviço, o chefe do posto avançado da Funai em Palmeira dos Índios, José Gracindo, já foi substituído. No seu lugar entrou um indigenista, professor Paulo Fernando da Silva. "É preciso deixar claro que a substituição nada tem a ver com a antiga reivindicação do cacique Manoel Celestino, que queria a substituição do chefe do posto porque tinha problemas de ordem pessoal".

Paulo Fernando está assumindo com a missão de trabalhar pela paz, lutar pela valorização e preservação dos aspectos culturais e tentar construir uma organização produtiva que traga benefícios diretos para os próprios índios.

Cacique quer mudanças no posto da Funai

O clima entre os índios Xucurus-Cariri está sob controle. Mas violência que era um problema só dos brancos agora chega até os índios. Admitiu o cacique Manoel Celestino da Silva, que esteve recentemente em Maceió reivindicando à Administração Regional da Funai de Alagoas e Brasília "mudanças radicais" no posto da Funai da reserva dos Xucurus, em Palmeira dos Índios.

Manoel Celestino disse que já havia animosidade entre determinados grupos de índios que há muito tempo querem impor mudanças em alguns costumes indígenas. Mas, a situação ficou mais tensa quando um grupo da família "Salustiano" matou um dos seus irmãos a golpes de foice e cacete. "Eu estava em Brasília, onde fui reivindicar alguns benefícios para o nosso povo. Quando cheguei havia um índio morto e um clima de rivalidade entre duas famílias".

Sobre as mudanças que reivindica no posto da Funai, o cacique acusa o chefe do posto, José Gracindo, de tomar partido de determinados grupos e termina prejudicando outros. "O papel da Funai não é tomar partido em problemas de índios. O papel da Funai é ajudar encontrar soluções e a resolver determinados problemas de conflitos. Isso não vem sendo feito na área".

História - A aldeia dos Xucurus-Cariri é uma das mais organizadas e a maior do Estado de Alagoas. Localizada na região de Palmeira dos Índios, a tribo perdeu muito de suas terras para o homem branco, que entre os séculos XVI e XVII usou a mão-de-obra indígena para o trabalho escravo. Depois de muitas lutas, os índios conseguiram demarcar uma reserva e dividir a terra para os grupos mais organizados.

Atualmente, os Xucurus têm uma produção organizada e significativa de pinha, milho, feijão, banana, mandioca, jaca e

de outras culturas de subsistência. O artesanato da tribo é conhecido nacionalmente e tem seu mercado garantido nas feiras de artesanatos de Maceió.

Os conflitos internos começaram a acontecer de forma mais intensa no início deste século. Com a divisão das terras para os pequenos grupos a partir de 1950 o clima entre eles foi se acalmando. O maior assentamento é justamente o da Fazenda Canto, onde a partir de 1952 foram assentados cerca de 700 índios numa área de 350 hectares.

Por ser um das áreas mais produtivas, a Fazenda Canto sempre foi considerada problemática. Mas, quando assumiu a liderança da tribo há 10 anos, o cacique Manoel Celestino da Silva, conseguiu fazer acordos e acabar com o clima de animosidade entre os índios.

Mas, recentemente, alguns grupos voltaram a se organizar e a questionar determinadas atitudes do cacique Manoel Celestino. Hoje, já existem divisões profundas. O que mais preocupa o próprio cacique é que as animosidades agora começam a se transformar em atos de violência.

Para que a paz volte à tribo dos Xucurus-Cariri, o "Wacaná" está querendo retirar o chefe da família Salustiano-Luiz junto com seus filhos e mulheres da reserva. "Sozinho não consigo mais conter o clima de violência, por isto estou pedindo ajuda à Polícia Federal e à Funai de Alagoas e de Brasília".